

DISCURSO DE OUTORGA DO TÍTULO DE DOUTOR HONORIS CAUSA  
(Universidade Católica de Pernambuco)

Quando a Universidade Católica de Pernambuco, através do seu Reitor Pe Pedro Rubens, me comunicou que seria agraciado com o título de Doutor Honoris Causa, a surpresa me tomou de tal forma que, imediatamente, transportei-me a anos passados, quando fui chamado ao episcopado. Ser bispo auxiliar da Arquidiocese de Olinda e Recife, para os que não sabem, foi um segundo chamado, para o qual não tive mais argumentos de renúncia por haver percebido que, de fato, era um chamado de Deus, ao qual eu não deveria resistir.

Como todos sabem, eu sou monge beneditino. Ainda criança, em 1961, com 13 anos de idade, ingressei no Seminário Menor da Imaculada Conceição, nesta Arquidiocese. Quando o seminário fechou, no final do ano letivo de 1966, passei a residir, com outros colegas, na Matriz de São José, sendo acompanhados pelo Pe. José Edwaldo Gomes, de saudosa memória, Pároco da Paróquia e último Reitor do Seminário da Várzea. O chamado “Centro Vocacional” foi transferido, mais adiante, para o bairro Cabanga e foi aos poucos se dissolvendo. Dei prosseguimento aos meus estudos e precisei trabalhar para me manter na metrópole. Anos depois, conheci o Mosteiro de São Bento e iniciei meu namoro com a vida beneditina. Em 1975 ingressei no Mosteiro, tendo sido acolhido pelo então abade dom Basílio Penido. De tal maneira me encantei pela vida monástica que não mais aspirava o sacerdócio e sim ser monge, até porque passei a ver o sacerdócio como ameaça à vida contemplativa.

Desde meu primeiro encontro, passei a admirar muito o carioca dom Basílio, sobretudo ao conhecer sua história vocacional e a maneira como aceitou e levava adiante a condução do Mosteiro de Olinda. Aqui chegando, encontrou espaço para desenvolver sua missão com sabedoria, e os impulsos do Concílio Vaticano II, que já havia sido convocado pelo então papa João XXIII. Pouco depois, chegaria à Arquidiocese de Olinda e Recife nosso querido Dom Hélder Pessoa Câmara. O trabalho da Ação Católica junto à juventude fez com que jovens tomassem consciência de seu apostolado na Igreja e no mundo. Mesmo quem não fez parte desse movimento, era estimulado pelo método ver, julgar e agir. Na Arquidiocese, o jovem padre Antônio Henrique Pereira Neto trabalhava com a juventude. A Igreja mergulhava em nossas vidas, olhava-nos de perto, assumia uma expressão de Igreja samaritana, servidora e pobre, ajudando-nos a assumir um protagonismo leigo que cristianizasse as estruturas desumanas. O sonho do Reino de Deus nascia muito forte em nossas vidas. Para evitar o choque entre gerações, padre Henrique mediou diálogos entre os jovens e seus pais. Queríamos transformações e era preciso que nossos avanços não saíssem dos planos de Deus. De padre Henrique guardo uma memória inesquecível: foi ele que me entregou a Sagrada Comunhão, na minha mão, pela primeira vez.

Quando dom Hélder assumiu o pastoreio da Arquidiocese de Olinda e Recife, vivíamos ainda impactados com o bom papa João, falecido naquela época e sucedido pelo cardeal Montini - papa Paulo VI, que deu continuidade ao Concílio Vaticano II buscando conduzi-lo no mesmo espírito que havia sido inspirado por Deus. Neste contexto, chegava entre nós um bispo diferente do protótipo episcopal ao qual estávamos habituados. Dom Hélder era arcebispo coadjutor da Arquidiocese do Rio de Janeiro e já bastante conhecido. Por trinta anos (1922-1951), a figura episcopal predominante do Recife havia sido dom Miguel de Lima Valverde, figura imponente e empreendedora. Dom Antônio de Almeida Moraes Júnior, ainda lembrado por sua oratória sacra. (1951-1960). Dom Carlos Gouvêa Coelho que demorou-se pouco entre nós e muito precocemente Deus o chamou (1961-1964). Em seguida, dom Helder Câmara, que tinha sido nomeado para a Arquidiocese de São Luís do Maranhão. Com a morte de dom Carlos, teve sua eleição revogada pelo papa Paulo VI, que o conduziu para a Arquidiocese de Olinda e Recife. Sua chegada entre nós se deu poucos dias depois do golpe que instalou no Brasil o regime militar. Naquela época de convulsão social, o Dom da Paz foi um dos poucos bispos que, desde o início, perceberam que o golpe não correspondia à promessa de respeitar a democracia e, embora dado em nome da fé e civilização cristã, não guardava o espírito evangélico de paz e do amor. Em 12 de abril de 1964, dom Hélder impactava com seu discurso de tomada de posse. Ninguém poderia imaginar que aquele nordestino falando a nordestinos

estivesse fazendo, com palavras, uma radiografia tão fiel aos seus propósitos. Quando diz que o bispo é de todos, o Dom afirma: “ninguém se escandalize quando me verem frequentando criaturas tidas como indignas e pecadoras. Quem não é pecador? Quem pode jogar a primeira pedra? Nosso Senhor, acusado de andar com publicanos e almoçar com pecadores, respondeu que justamente os doentes é que precisam de médico”. Não lhe parecia saudável um regime que veio para limitar a liberdade de expressão, impor a censura, sequestrar e matar indistintamente qualquer oposição ao novo regime. Qualquer abordagem que tocasse nos temas da pobreza, da promoção humana, da libertação das estruturas injustas, da conscientização política, do desenvolvimento social para todos, já era tida como esquerdista.

Podemos, com certeza, garantir que foram as suas vigílias que lhe garantiram o equilíbrio necessário para sua vida e missão. No silêncio da noite, reservava tempo para seu encontro com Deus e, conseqüentemente, consigo mesmo. Rezava, contemplava, refazia-se, tomava decisões, e daí nasceram seus escritos místicos e os discursos que proferiu em nosso Recife, no Brasil e além fronteiras.

Padre Gervásio Fernandes de Queiroga, do clero de Cajazeiras, na Paraíba, escreveu que há um dom Hélder para todos os gostos: o do povo e da elite intelectual; o das favelas cariocas e o dos palácios europeus; o palestrante dos sindicatos rurais nordestinos e o conferencista dos macro empresários do capitalismo transnacional; o estudioso dos problemas mundiais e o vigilante monge das madrugadas silenciosas; o dos movimentos politizados e reivindicatórios e o da assistência aos desamparados; o ativista incansável e o orante contemplativo; o dos congressos multitudinários e o dos grupos conscientizados; o dos estádios superlotados e o das comunidades de base; o da lama e o do tapete; o amigo do pobre bêbado da bodega recifense e o doutor de universidades norte-americanas; o do católico e o do ateu; o do nobre e do plebeu. O que é notável é que em todos esses ambientes e sejam quais fossem seus interlocutores, dom Helder sempre se revelava o mesmo profeta, Dom da Paz, da justiça e da Misericórdia Divina.

Tendo dom Hélder como arcebispo de Olinda e Recife e dom Basílio Penido como meu abade, no Mosteiro de São Bento, seria impossível não viver o legítimo espírito do Concílio Vaticano II nessa Igreja Particular. Apesar de ter seu nome banido da imprensa, por ordem do regime militar, seu programa radiofônico diário, pela Rádio Olinda, era a cátedra da qual falava para nós e para o mundo. Revelava-se ali o pastor, o poeta, o irmão dos pobres, como João Paulo II o chamou, quando esteve entre nós, em 1980. Entretanto, existe um dom Hélder conhecido por poucos e pouco mostrado: o homem de carne e osso, de lágrimas abundantes na alegria e na dor, de coração dilacerado, como o próprio Cristo, ao ver as dores provocadas pela miséria e pela injustiça, pela perseguição que levou nosso irmão padre Antônio Henrique ao martírio. Já que não podiam atingir o pastor, atingiram sua ovelha querida e o pastor chorou, mas não se entregou ao medo.

Consciente que sou da grandeza humana, espiritual, intelectual e também eclesial de dom Hélder Câmara é que, na condição de um dos seus sucessores, recebo, com temor e tremor, a maior distinção da Universidade Católica de Pernambuco, por ocasião dos 75 anos de sua criação pela Companhia de Jesus. Ninguém pense que é fácil para mim receber o título de Doutor Honoris Causa. Como disse no início, quando recebi a comunicação, voltei no tempo e me lembrei da consideração que fiz quando fui chamado ao episcopado. Naquela ocasião, muito me ajudou aquele que foi o sucessor imediato de dom Hélder, nosso arcebispo emérito dom José Cardoso Sobrinho, que também por mais de duas décadas conduziu esta Igreja. Reconheço que não foi fácil para dom José suceder dom Hélder. Apesar de todas as dificuldades que enfrentou, não tenho dúvidas da sua boa intenção e propósito de ser fiel às suas convicções e formação recebida. Quando consultado, pela segunda vez, a aceitar o episcopado, dom José Cardoso muito me ajudou. Foi decisivo, por exemplo, me recordar que Santa Tereza D'Ávila tendo sido procurada, certa vez, por um sacerdote em situação semelhante, assim orientou: Se o senhor desejava o episcopado e fez por onde acontecer, não deve aceitar; se desejava e não fez nada para se concretizar, pode aceitar; mas se não desejava e nada fez para ser aprovado, não pode rejeitar. É plano de Deus!

Agradeço muito ser distinguido pela Universidade Católica de Pernambuco com tal privilégio, mas posso, com toda humildade, dizer plagiando dom Hélder: “eu pertença mais à família dos profetas do que a dos doutores”. O maior de todos os profetas é o Cristo, o filho do carpinteiro de Nazaré. Sempre que perdemos de vista o Cristo, acabamos fazendo do poder um verbo absoluto. Na Igreja, cada vez que o poder deixa de ser um verbo auxiliar para ser um verbo absoluto, a profecia está em risco. Quando é verbo auxiliar, nós conjugamos o poder com o serviço; quando é verbo absoluto, o poder não somente nos conjuga, mas nos subjuga. Procurei, ao longo de minha vida, acima de tudo ser cristão, depois ser monge, padre e bispo, fazendo sempre do poder um verbo auxiliar para que eu, um dos servidores do povo de Deus, pudesse dar conta da parcela que me coube na construção do Reino de Deus, inicialmente como auxiliar nesta Igreja, depois em Sobral, no Ceará e novamente nesta querida Arquidiocese.

Como a profecia é o anúncio de Deus mesmo, em palavras humanas, traduzindo com gestos de amor e caridade, ela nunca haverá de morrer. O mesmo Deus que suscitou o bom Papa João foi quem elegeu o papa Francisco para ser grande profeta em nosso tempo. Embora enviado para falar a todos os corações, o profeta nem sempre é acolhido por todos, mas não pode se furtar a curar as feridas dos que o atacam.

Deixo claro que esse título hoje entregue em minhas mãos, pertence a toda Arquidiocese de Olinda e Recife, especialmente à toda a equipe que desde 2009 está ao meu lado ajudando fazer um governo colegiado e descentralizado. Entre esses, incluo o meu primeiro bispo auxiliar Dom Antônio Tourinho Neto, agora em Cruz das Almas, na Bahia, Dom Genival Saraiva de França e Dom Severino Batista de França que funcionaram como vigários gerais, sem esquecer nosso novo bispo auxiliar Dom Limacedo Antônio da Silva, o bispo do sorriso. Título tão digno, só aumenta nossa responsabilidade de sermos, sempre mais, fiéis ao Cristo servidor, “manso e humilde de coração”.

À Universidade Católica de Pernambuco que, como as demais universidades do país devem ser: “centro de formação de ideias, da liberdade do aprender, do ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber, assim como o respeito ao pluralismo de ideias e do debate”, conforme garante a Constituição do Brasil, mais uma vez, traduzo a gratidão do povo de Deus que me foi confiado, em nome de quem, humildemente, recebo essa honraria.

Dom Antônio Fernando Saburido, OSB  
Arcebispo de Olinda e Recife

Recife, 19 de novembro de 2018.